

ABBI GLINES

**PAIXÃO  
SEM LIMITES**

Ele podia ter tudo o que quisesse. Menos ela.



# DADOS DE COPYRIGHT

## Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [Le Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

## Sobre nós:

O [Le Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [LeLivros.Info](#) ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados [neste link](#).

*"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."*



**PAIXÃO  
SEM LIMITES**

ABBI GLINES  
~  
**PAIXÃO  
SEM LIMITES**



Título original: *Fallen Too Far*

Copyright © 2012 por Abbi Glines

Copyright da tradução © 2013 por Editora Arqueiro Ltda.

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte deste livro pode ser utilizada ou reproduzida sob quaisquer meios existentes sem autorização por escrito dos editores.

*tradução:* Fernanda Abreu

*preparo de originais:* Victor Almeida

*revisão:* Magda Tebet e Rachel Agavino

*diagramação:* Adriana Moreno

*capa:* Rodrigo Rodrigues

*imagem de capa:* Maksim Toome / Istockphotos

*produção digital:* SBNigri Artes e Textos Ltda.

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO-NA-FONTE  
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

Glines, Abbi

Paixão sem limites [recurso eletrônico] / Abbi Glines [tradução de Fernanda Abreu]; São Paulo: Arqueiro, 2013.  
recurso digital

Tradução de: *Fallen too far*

Formato: ePub

Requisitos do sistema: Adobe Digital Editions

Modo de acesso: World Wide Web

ISBN 978-85-8041-226-0 (recurso eletrônico)

1. Ficção americana. 2. Livros eletrônicos. I. Abreu, Fernanda. II. Título.

13-05744

CDD: 813

CDU: 821.111(73)-3

Todos os direitos reservados, no Brasil, por  
Editora Arqueiro Ltda.  
Rua Funchal, 538 – conjuntos 52 e 54 – Vila Olímpia  
04551-060 – São Paulo – SP  
Tel.: (11) 3868-4492 – Fax: (11) 3862-5818  
E-mail: atendimento@editoraarqueiro.com.br  
www.editoraarqueiro.com.br

*Para Liz Reinhardt, minha maior incentivadora durante a criação deste livro. Ao longo da vida você encontra pessoas que se tornam amigos sem os quais não pode mais se imaginar vivendo. Liz é uma dessas pessoas.*

O que eu costumava ver estacionado em frente a uma casa onde estivesse ocorrendo uma festa eram caminhonetes com lama nos pneus, não automóveis caros e importados. Pelo menos vinte deles ocupavam o comprido acesso de carros daquela casa. Parei a picape Ford de quinze anos da minha mãe em cima da grama para não atrapalhar a saída de ninguém. Meu pai não tinha me dito que daria uma festa esta noite. Na verdade, não tinha me dito quase nada.

Ele tampouco havia aparecido para o funeral da minha mãe. Se eu não precisasse de um lugar para morar, não estaria ali. Tive que vender a casinha que a minha avó nos deixara para pagar as últimas despesas médicas da minha mãe. Tudo que me restava eram as minhas roupas e a picape. Ligar para o meu pai depois de ele não aparecer nem uma vez sequer durante os três anos da batalha da minha mãe contra o câncer foi complicado. Complicado, mas necessário: ele era o único parente que me restava.

Olhei para a imensa casa de três andares situada bem em cima da areia branca da praia de Rosemary, na Flórida. Aquela era a nova casa do meu pai. Sua nova família. Eu não iria me encaixar ali.

De repente, alguém abriu com um tranco a porta da minha picape. Por instinto, levei a mão até debaixo do assento e peguei a minha nove milímetros. Levantei-a e apontei em cheio para o intruso, segurando-a com as duas mãos e pronta para puxar o gatilho.

– Caraca... eu ia dizer que você estava perdida, mas agora digo o que você quiser. Só guarda esse troço, por favor.

Do outro lado da minha pistola estava um sujeito de cabelos castanhos desgrehados presos atrás das orelhas, com as duas mãos para cima e os olhos arregalados.

Levantei uma das sobrancelhas e mantive a pistola firme. Ainda não sabia quem era aquele cara. Puxar a porta da picape de alguém com um tranco não era um jeito normal de cumprimentar um desconhecido.

– Não, acho que não estou perdida. Aqui não é a casa de Abraham Wynn?

O sujeito engoliu em seco, nervoso.

– Hã... com esse troço apontado para a minha cara eu não consigo pensar direito. Você está me deixando bem nervoso, meu bem. Poderia baixar a pistola antes que aconteça um acidente?

Acidente? Sério? O cara estava começando a me irritar.

– Eu não conheço você. Está escuro aí fora e eu estou sozinha em um lugar desconhecido. Então me desculpe se eu não me sentir muito segura neste momento. Pode confiar em mim: não vai acontecer acidente nenhum. Eu sei manejar uma pistola muito bem.

O cara não pareceu acreditar em mim e, agora que eu estava olhando melhor, não me parecia realmente ameaçador. Mesmo assim, eu ainda não estava pronta para baixar a arma.

– Abraham? – repetiu ele devagar. Começou a balançar a cabeça, então parou. – Peraí, o padrasto novo do Rush se chama Abe. Eu o conheci antes dele e Georgianna viajarem para Paris.

Paris? Rush? Como assim? Esperei mais explicações, mas o cara continuou a encarar a pistola, prendendo a respiração. Com os olhos fixos nele, baixei a arma e me certifiquei de acionar a trava de segurança antes de guardá-la debaixo do banco do motorista. Talvez sem a pistola ele conseguisse se concentrar e me explicar.

– Você tem porte de arma para esse troço? – perguntou ele, sem acreditar.

Eu não estava com disposição para conversar sobre o meu direito de portar armas. Precisava de respostas.

– Abraham está em Paris? – perguntei, querendo uma confirmação.

Ele sabia que eu chegaria hoje. Tínhamos nos falado na semana anterior, depois que vendi a casa.

O sujeito fez que sim devagar e relaxou a postura.

– Você o conhece – perguntou?

Na verdade, não. Desde que ele tinha abandonado a minha mãe e eu havia cinco anos, eu só o vira umas duas vezes. Eu me lembrava do pai que assistia às minhas partidas de futebol e fazia hambúrgueres na churrasqueira do quintal para as festas dos vizinhos do bairro. O pai que eu tivera até o dia em que a minha irmã gêmea, Valerie, morreu em um acidente de carro... quando ele estava dirigindo. Nesse dia, ele mudou e se tornou o homem que não me ligava para saber se eu estava bem enquanto cuidava da minha mãe doente. Esse homem eu não conhecia. Nem um pouco.

– Sou a filha dele. Blaire.

O cara arregalou os olhos, jogou a cabeça para trás e riu. Qual era a graça? Estava esperando que explicasse quando ele estendeu a mão.

– Venha cá, Blaire. Quero apresentar você a uma pessoa. Ele vai amar saber disso.

Encarei a mão dele e estendi o braço para pegar a minha bolsa.

– Tem outra arma aí nessa bolsa? Devo avisar a todo mundo para não te irritar?

O tom provocador da voz dele me impediu de dizer alguma grosseria.

– Você abriu a minha porta sem bater. Fiquei com medo.

– E a sua reação instantânea quando sente medo é apontar uma arma? Caramba, menina, de onde você é? A maioria das garotas que eu conheço daria um gritinho ou alguma coisa assim.

A maioria das meninas que ele conhecia não fora forçada a se proteger nos últimos três anos. Precisei cuidar da minha mãe, mas não tinha ninguém para cuidar de mim.

– Eu sou do Alabama – respondi, ignorando a mão dele e saltando sozinha da picape.

A brisa do mar bateu no meu rosto e o cheiro salgado da praia era inconfundível. Eu nunca tinha visto uma praia. Pelo menos não ao vivo. Apenas em fotos e filmes, mas o cheiro era exatamente o que eu imaginava que seria.

– Quer dizer então que é verdade o que dizem sobre as meninas de Bama – retrucou ele e isso me chamou a atenção.



– Como assim?

Ele desceu os olhos pelo meu corpo e tornou a subir até o meu rosto. Abriu um sorriso.

– Jeans justo, camiseta sem manga e uma pistola. Caramba, acho que errei de estado.

Revirei os olhos e abri a traseira da picape. Tinha uma mala e várias caixas que precisava levar para a Legião da Boa Vontade.

– Deixe eu te ajudar.

Ele deu a volta e estendeu as mãos para dentro da caçamba da picape para pegar a mala que a minha mãe mantivera guardada no armário para a “viagem de carro” que nunca chegamos a fazer. Ela vivia dizendo que um dia iríamos atravessar o país e subir a costa oeste. Isso foi antes de ela ficar doente.

Espantei essas lembranças e me concentrei no presente.

– Obrigada, hã... acho que não sei o seu nome.

O cara puxou a mala e se virou de volta para mim.

– Como assim? Esqueceu de perguntar quando estava com a arma apontada para a minha cara?

Dei um suspiro. Bem, talvez eu tenha exagerado um pouco com a pistola, mas ele me assustara.

– Meu nome é Grant. Eu sou... hã... amigo do Rush.

– Rush? – O mesmo nome outra vez. – Quem é Rush?

O sorriso de Grant tornou a se abrir.

– Você não sabe quem é Rush? – Ele estava achando muita graça. – Porra, que bom que eu vim aqui hoje. – Ele virou a cabeça em direção à casa. – Vamos. Vou apresentar você.

Fui andando ao seu lado enquanto ele me conduzia até a casa. Quando nos aproximamos, a música lá dentro ficou mais alta. Se o meu pai não estava lá, quem estaria? Georgianna era a mulher dele, mas isso era tudo o que eu sabia. Será que aquela festa era dos filhos dela? Quantos anos eles tinham? Georgianna tinha filhos, não tinha? Eu não me lembrava. Meu pai fora muito vago ao falar dela. Dissera que eu iria gostar da minha nova família, mas não mencionou quem era essa família exatamente.

– Esse Rush mora aqui? – perguntei.

– Mora. Bem, pelo menos no verão. Ele se muda para as suas outras casas conforme a estação.

– *Outras casas?*

Grant deu uma risada.

– Você não sabe nada sobre a família para a qual o seu pai entrou, né, Blaire?

Mal sabia ele. Fiz que não com a cabeça.

– Então, rápida miniaula antes de entrarmos na loucura – disse ele, parando no alto da escada que conduzia à porta da frente e olhando para mim. – Rush Finlay é o seu irmão postiço. É filho único do famoso baterista do Slacker Demon, Dean Finlay. Os pais dele nunca se casaram. A mãe, Georgianna, era groupie quando jovem. Essa casa é dele. A mãe mora aqui porque ele deixa. – Ele parou e olhou para a porta bem na hora em que ela se abriu. – E toda essa gente aqui é amiga dele.

Uma loura arruivada alta e longilínea me encarava da porta, usando um vestido curto azul-royal e

um par de sapatos de salto que me fariam quebrar o pescoço se eu tentasse calçá-los. Percebi o desagrado na sua expressão mal-humorada. Eu não sabia muita coisa sobre aquele tipo de gente, mas sabia que as minhas roupas de loja de departamento não eram algo que ela aprovasse. Ou isso, ou tinha uma barata andando em cima de mim.

– Oi, Nannette – falou Grant.

– Quem é ela? – perguntou a garota, olhando para ele.

– Uma amiga. Não faça essa cara de quem chupou limão, Nan; não fica bem em você – respondeu ele, estendendo a mão para segurar a minha e me puxar para dentro da casa.

A sala não estava tão cheia quanto eu imaginara. Quando passamos pelo grande saguão aberto, um arco ia dar no que imaginei ser uma sala de estar. Mesmo assim, era bem maior do que a minha casa inteira, ou melhor, minha ex-casa. Duas portas de vidro se abriam para uma vista do mar de tirar o fôlego. Eu queria ver aquilo de perto.

– Por aqui – informou Grant.

Falava comigo enquanto se encaminhava até um... bar? Sério mesmo? Tinha um bar dentro de casa?

Olhei de relance para as pessoas ao nosso redor. Todas paravam um instante para me dar uma rápida conferida de cima a baixo. Eu estava me destacando à beça.

– Rush, esta é a Blaire, acho que talvez ela seja sua. Encontrei-a lá fora com um ar meio perdido – disse Grant.

Desviei os olhos daquela gente curiosa para ver quem era aquele tal de Rush.

Ai. Ai, ai, ai.

– É mesmo? – respondeu Rush com uma voz preguiçosa, arrastada. Com uma cerveja na mão, ele se inclinou para a frente no sofá branco. – Ela até que é gata, mas é muito novinha. Não dá para dizer que é minha.

– Ah, ela é sua, sim. Considerando que o papai dela fugiu para passar as próximas semanas em Paris com a sua mamãe... Eu diria que agora ela é sua, sim. Eu bem que ofereceria a ela um quarto na minha casa se você preferisse. Quer dizer, se ela prometer deixar a arma na picape.

Rush estreitou os olhos e me estudou com atenção. Os olhos dele tinham uma cor esquisita. Surpreendente e incomum. Não eram castanhos nem cor de avelã. Eram de uma cor quente, com um pouco de prateado. Eu nunca tinha visto nada como aquilo. Seriam lentes de contato?

– Nem por isso ela é minha – respondeu ele por fim, recostando-se no sofá.

Grant pigarreou.

– Está de brincadeira, não está?

Rush não respondeu. Em vez disso, tomou um grande gole da garrafa *longneck* que tinha nas mãos. Seus olhos agora estavam cravados em Grant e pude ver o alerta na sua expressão. Ele iria me pedir para ir embora a qualquer momento. Aquilo não era nada bom. Eu tinha apenas 20 dólares na bolsa e estava quase sem gasolina. Já tinha vendido tudo de valor que possuía. Ao ligar para o meu pai, explicara que só precisava de um lugar para ficar até arrumar um emprego e ganhar

## Gracias por visitar este Libro Electrónico

Puedes leer la versión completa de este libro electrónico en diferentes formatos:

- HTML(Gratis / Disponible a todos los usuarios)
- PDF / TXT(Disponible a miembros V.I.P. Los miembros con una membresía básica pueden acceder hasta 5 libros electrónicos en formato PDF/TXT durante el mes.)
- Epub y Mobipocket (Exclusivos para miembros V.I.P.)

Para descargar este libro completo, tan solo seleccione el formato deseado, abajo:

